



ALFABETIZAÇÃO E LITERATURA NO CONTEXTO DA PANDEMIA: O QUE DIZEM OS PROFESSORES

Fernanda de Araújo Frambach¹

Patricia Corsino²

INTRODUÇÃO

Em meio à pandemia Covid-19, nos perguntamos: o que foi feito da escola, instituição chave para a socialização, ampliação cultural, desenvolvimento e aprendizagem e também chave na rede de proteção à infância e juventude?

Atualmente, podemos reconhecer múltiplas percepções sobre a suspensão das aulas presenciais e observar a escola sendo apontada como essencial, mas, efetivamente, sem ações que viabilizem a melhoria das condições gerais de infraestrutura para a volta às atividades, o acesso dos estudantes às atividades remotas e nem mesmo as condições de trabalho e de saúde dos professores. Além disso, pouco se debate sobre os desafios que a escola tem enfrentado para dar continuidade aos processos de ensino e aprendizagem, especialmente para garantir a alfabetização das camadas populares nas condições atuais. Isto porque tal processo, especialmente se estiver embasado numa perspectiva discursiva (SMOLKA, 2003) requer dinâmicas de trabalhos e metodologias específicas, cuja principal condição é a relação entre os sujeitos e destes com a língua, reconhecida como um fenômeno social e cultural (BAKHTIN, 2014).

Neste texto, trazemos algumas percepções de profissionais da educação que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma rede municipal de Educação, os quais apontam considerações sobre a educação no contexto

¹ Doutora em Educação, professora da Secretaria Municipal de Educação de Niterói, RJ. E-mail: nanda.s.a@hotmail.com.

² Doutora em Educação, Professora Associada do Departamento de Didática da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.



pandêmico atual.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÕES

Os discursos a seguir foram produzidos no âmbito de uma pesquisa de Doutorado em que os profissionais da educação enunciaram sobre o momento que estão vivenciando e as preocupações com o retorno das aulas. Por isso, trazemos as vozes dos sujeitos para com eles tecermos algumas reflexões:

O retorno, pra mim eu acho que vai ser um caos! Tanto pras famílias para mandar os filhos quanto pra outros que estão doidos pra mandar porque as crianças estão dentro de casa, pra eles deve estar sendo difícil. [...] Acho que vai ser difícil pros professores saírem de dentro casa, porque muitos estão em pânico! [...] Essas leis que a gente não sabe o que vai ser [...] Eu não sei como é que vai ser! (entrevista com a diretora Miriam, concedida em 2020).

A enunciação de Miriam, que fala do lugar de gestora, expõe preocupações em relação à necessidade de organizar a escola para este momento. Todavia, traz outras questões como o próprio trabalho a ser realizado durante o período de isolamento, o que faz com que ela projete uma memória de futuro (BAKHTIN, 2011) pensando nos obstáculos que poderá encontrar. Sua fala nos lembra que o ano de 2020 foi caracterizado pelas incertezas, pela falta de direção. No campo educacional, o discurso gerou em torno da polarização entre abrir ou não as escolas de forma aligeirada sem discutir as condições objetivas do retorno. Professores e gestores silenciados, aguardando decretos verticalizados “leis que a gente não sabe o que vai ser”.

A escola é necessária e faz ainda mais falta em uma sociedade que, no meio de uma pandemia, colocou os trabalhadores na rua, numa falsa oposição entre economia e vida. Se por um lado, a falta dela pode estar trazendo um caos com a mudança de rotina, crianças na rua, residências superpovoadas, alimentação precária, falta de equipamentos para aulas remotas entre outras; por outro, a volta às aulas com protocolos sanitários de difícil execução e sem vacinação para os profissionais da escola significa também um caos.



O discurso da professora Kátia, da mesma escola, vai em outra direção, partindo do lugar que ocupa:

E eu nem imagino como vai ser trabalhar com as crianças em sala, uma afastada da outra, sem elas poderem interagir, sem elas poderem falar uma com a outra, eu não consigo imaginar isso, acho que vai ser muito difícil. (entrevista com a professora Kátia, concedida em 2020).

Podemos depreender que a preocupação da professora Kátia não está relacionada a mudanças em sua didática, mas sim em como seria possível garantir, dentro de protocolos de convivência social inerentes a um retorno presencial das aulas, aspectos que são importantes em sua prática cotidiana como a interação das crianças entre elas, com a professora e a escola, fundamentos de uma perspectiva discursiva de alfabetização (SMOLKA, 2003), o que também é dito pela professora Ana:

Eu acho que o desafio de fato nesse retorno vai ser aproximar novamente essas crianças da escola, resgatar essa proposta dos valores, de olhar essa criança, acho que a gente vai ter que trabalhar muito essa questão. [...] Eu particularmente perdi dois tios recentemente, em menos de uma semana, então assim, até a gente precisa repensar a nossa essência, os nossos objetivos, então eu acho que é um desafio tanto para o educador quanto para o educando. (entrevista com a professora Ana, concedida em 2020).

Ana fala das preocupações em relação a um retorno presencial, mas também a partir do lugar das crianças, antecipando questões relacionadas às experiências de perda que os alunos possam estar vivendo neste momento. Ressalta que este tem sido um tempo de reflexão, de “repensar a nossa essência, os nossos objetivos”. Expressa, assim, sensibilidade, preocupação e profundo respeito pelo luto vivido pelas pessoas e entende que, neste momento, o importante não é o conteúdo pedagógico estrito senso, mas conteúdos afetivos que proporcionem um repensar da própria vida e da própria escola. Processo vivido por ela e que homologamente pensa poder ser vivido tanto pelos professores quanto pelos estudantes. Por isso, um dos caminhos que considera necessário seria “olhar essa criança”, o que entendemos como ouvi-las e acolhê-las em suas experiências e anseios.



O discurso da professora Marta, a seguir, resume as preocupações e ansiedades anteriores, mas também aponta a necessidade de que este momento seja oportuno para se repensar o lugar da escola:

Eu quero muito conversar com elas. Até mudar as cadeiras, sei lá! Acho que essa quarentena está servindo pra gente repensar a vida toda... Eu não sei, desde que eu vi a minha filha estudando na alfabetização, está tudo igual até hoje! Desde que eu estudei [...] Acho que a gente vai ter que... e nesse tempo de pandemia a gente tem se voltado para a leitura e para arte. A arte salva, e a leitura salva também. Literatura é arte também! (entrevista com a professora Marta, concedida em 2020).

A enunciação de Marta mostra que este período de isolamento social está permitindo uma reflexão sobre o papel da escola para além de um “depósito de crianças” conforme podemos depreender de muitos discursos verbalizados durante a pandemia. Também sugere que o processo de alfabetização tradicional, vivenciado por ela em sua família há algum tempo, sofreu poucas mudanças, sendo reconhecido no contexto da escola em que atua. Por este motivo, ela verbaliza seu desejo de discutir com a equipe pedagógica as possibilidades de modificações deste modelo, a começar pela organização das salas de aula. E menciona que os livros e as manifestações artísticas têm sido um conforto nestes dias, sugerindo que muitas pessoas têm recorrido a eles para superar os momentos difíceis, quanto mais “Literatura (que) é arte também” precisará estar presente nos cotidianos escolares, pois afirma categoricamente que “a leitura (literária) salva”.

Podemos afirmar que a literatura tem salvado algumas crianças nesta pandemia. Num momento em que as atividades precisam ser realizadas remotamente, muitas escolas têm recorrido a ela para estabelecer o vínculo com os alunos e ainda proporcionar-lhes uma vivência significativa com a linguagem, especialmente no processo de alfabetização, conforme exemplifica a diretora de outra escola:

Eu fico pensando, tentando imaginar a nossa volta, nós vamos ter que pensar muitas coisas em todos os espaços. E a literatura é nosso carro chefe lá... as crianças também já estão acostumadas com isso, porque



eles buscam a leitura, buscam o livro. Até na própria página da escola, estamos postando sugestões de livro de leitura, contação de histórias através de vídeos. Então, a literatura ela vai até nos ajudar nessa volta. E a gente vai precisar muito ouvir as crianças, porque eles também vão trazer as angústias deles, a saudade, as incertezas, as perguntas. (entrevista com a diretora Maria, concedida em 2020).

O discurso de Maria vai ao encontro do que defendemos em relação à importância do processo de alfabetização estar pautado numa prática dialógica, de escuta das crianças, e na qual a literatura tenha um papel central como elemento fundamental para a constituição humana, permitindo a compreensão de si, do que é estar no mundo e nas relações com os outros. E afirmamos que, se esta prática já era necessária antes, quanto mais agora.

CONSIDERAÇÕES

Concluimosadvogando sobre a necessária a discussão sobre o retorno das aulas presenciais, o papel social da escola, os processos de ensino e os desafios para alfabetizar as crianças neste contexto. É necessário analisar como estão sendo concebidos os contextos educativos, buscando compreender as formas de pensar a escola. Contudo, argumentamos que tal objetivo não pode ser atingido sem trazer para o diálogo sujeitos fundamentais neste processo: os profissionais da educação, que trazem em suas reflexões pontos de partida importantes para a proposição de políticas e ações, especialmente no que se refere à alfabetização das camadas populares.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. Ed. São Paulo. Martins Fontes, 2011.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9 ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

SMOLKA, A. L. B. **A criança na fase inicial da escrita**: Alfabetização como processo discursivo. Ed. São Paulo: Cortez, 2003.